

Pelas ruas do centro goytacá: Circuitos de cultura alternativa, rituais desviantes e conflitos na cidade¹

Fábio da Silva Martins (UENF/RJ)

Palavras-chave: Circuito alternativo. Desvio. Conflitos.

Introdução

Este trabalho procura elucidar aspectos de uma pesquisa ainda em andamento, pesquisa esta que tem como objetivo central compreender as relações entre cultura, ordem e cidade através de uma série de eventos produzidos e frequentados por grupos culturais alternativos em áreas do Centro de Campos dos Goytacazes/RJ. A intersecção entre diferentes expressões culturais alternativas que se constrói a partir de determinadas festas e eventos acaba por constituir junto à lugares e serviços um circuito, que na vida noturna campista apresenta diversas características, práticas, dinâmicas, trajetos e marcas pela paisagem urbana. Assim, o circuito em questão parece evidenciar a busca pelo direito à cidade, atrelada à gestão de conflitos e à articulação de uma rede de atores para a continuidade e expansão de tal cena, ecoando assim, em esferas políticas, econômicas e culturais na região norte-fluminense.

A pesquisa teve seu início em 2025, sendo desenvolvida no âmbito do mestrado na linha de pesquisa 2 - “Cultura, Territorialidades e Poder” do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. É realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e orientada pela Prof^a Dr^a Luciane Soares da Silva — que também coordena o Núcleo de Estudos Cidade, Cultura e Conflito, um importante espaço de trocas entre pesquisadores que tem como objeto reflexões sobre as cidades e seus diversos atravessamentos.

Como forma de organizar este texto a fim de contemplar uma rota de pensamento mais fluida, proponho a divisão deste trabalho em quatro partes: a primeira, focada em uma breve contextualização sobre o território onde a pesquisa está sendo desenvolvida; a segunda, tratando do marco teórico, a metodologia utilizada e a entrada em campo; a terceira, buscando trazer as atuais problemáticas que envolvem este circuito cultural alternativo; e na quarta parte, trago algumas considerações sobre o momento atual da pesquisa.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

O Centro antes, o Centro hoje: notas sobre o território e seu histórico

Localizada na região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro, a cidade de Campos dos Goytacazes foi fundada a partir do genocídio dos indígenas goitacá e escravização de negros traficados durante o período colonial. Os portugueses começaram a colonização desta região em 1627, tornando-a parte da capitania de São Thomé. Em 1677, passa a ser Vila de São Salvador, e em 1835 a vila é elevada à categoria de cidade, trazendo junto a mudança do nome.

Na planície, Campos cresceu como um importante centro da pecuária e, sobretudo, da agroindústria açucareira no século XIX — projeto que atraiu ferrovias, portos e investimentos urbanos que lhe deu um papel político regional ao longo do Império e da República. A cidade também ocupa um lugar notável na história tecnológica e urbana brasileira, sendo, por exemplo, a primeira cidade da América Latina a ter energia elétrica pública.

Logo, vale ressaltar o teor político e econômico do momento histórico da elevação da Vila de São Salvador à categoria de cidade de Campos dos Goytacazes, no início do século XIX. Rocha (2017) aponta que esse movimento foi fortemente impulsionado pelas elites locais. Nessa época, o centro, que se urbanizava, colocava-se enquanto um local de comércio e também de demonstração de riqueza pelas elites. Rocha ainda acrescenta que é neste espaço público que se estabeleciam as contradições abafadas entre a casa grande e a senzala. Assim, segundo a autora, o processo de urbanização da cidade também refletia um processo de desenvolvimento econômico e político.

Pensando na construção histórica do Norte Fluminense, Rocha aponta para a dinâmica social existente durante o processo de urbanização:

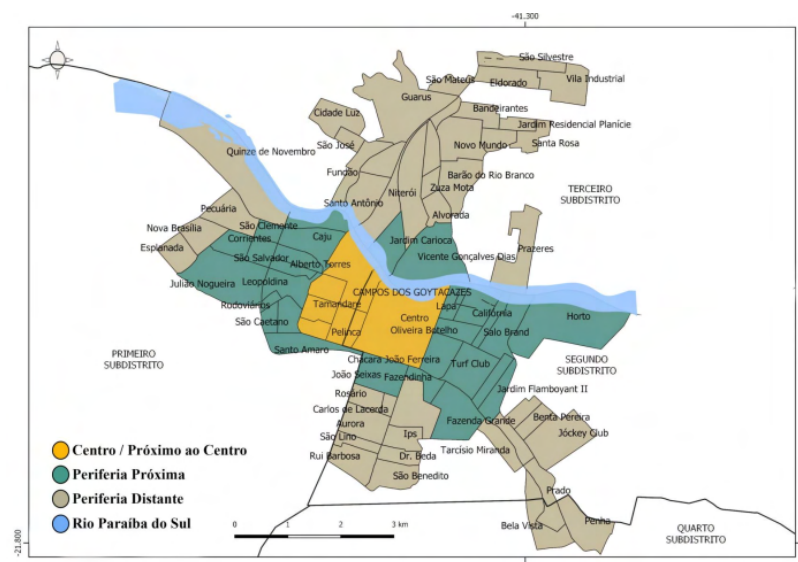
No Norte Fluminense os matizes sociais dão um contorno que divide sua sociedade em classes a partir de uma aristocracia rural formada pelos senhores de engenho; uma burguesia mercantil que intermediava as negociações comerciais e financeiras entre o Norte Fluminense e demais regiões do país, incluindo a metrópole, atividades essas que, além do comércio do açúcar também envolviam o tráfico de escravos, empréstimos financeiros aos senhores de engenho, e comércio de gêneros de primeira necessidade; um clero, proprietário de terras, expressivo produtor de açúcar e, portanto, com influência no contexto socioeconômico da região; os negros africanos, mão de obra aplicada ao processo produtivo junto com os mestiços e o que sobrara dos índios (Silva; Carvalho, 2004, p. 35, apud Rocha, p. 71, 2017)

Entendendo que a formação da cidade de Campos dos Goytacazes revela uma forte atuação de diversas representações das elites que se beneficiaram do período

escravocrata, a área central parece refletir até hoje muitos dos hábitos e costumes conservadores e higienistas de seu passado, ainda que ao longo de seu processo de urbanização e modernização muitas mudanças tenham ocorrido² nas dinâmicas de poder e configuração das elites.

Segundo o último Censo realizado (IBGE, 2022), em termos demográficos e territoriais, Campos dos Goytacazes conta com cerca de 483.540 habitantes, e uma área territorial de aproximadamente 4.032,49 km² — sendo o maior município em extensão do estado do Rio de Janeiro.

No centro da cidade concentram-se as principais funções administrativas, religiosas e comerciais, como a Praça do Santíssimo Salvador, ruas de comércio tradicional, bancos, edifícios públicos e um tecido urbano que mistura desde sobrados coloniais, fachadas e construções do início do século XX até construções mais recentes.



Mapa 1 - Mapa dos bairros do distrito-sede com representação da dualidade centro-periferia.

Fonte: Adaptação de Alvarenga (2020) de Freitas (2011).

Durante o dia, o ritmo do bairro do Centro é acelerado devido às atividades do comércio. Entre a praça São Salvador (com a sua catedral) e as ruas que levam ao monumento do Pelourinho, pessoas entram e saem de lojas, englobando trajetos que geram circulação até lugares como a praça Prudente de Moraes (mais conhecida como

² “Os novos arranjos econômicos e políticos são formados por setores progressistas da imprensa, setores não privilegiados da economia e municípios aliados pela hegemonia dos grupos tradicionais que até então detinham o poder e dominação. Os Governos Municipais são os novos detentores da riqueza produzida no município. O monopólio dos recursos públicos se deslocou das frações da classe agrária e agroindustriais para os grupos de poder nas administrações municipais. As disputas para prefeitos e vereadores tornaram-se verdadeiros campos de batalhas, já que o volume de recursos que passaram a controlar lhes dão autonomia para ambições de hegemonia na política local. “O lócus do poder se deslocou da porteira da fazenda para o balcão da prefeitura” (CRUZ, 2003, p.328)”. (Rocha, p.196, 2017)

Chá Chá Chá) e o histórico Mercado Municipal com mais de 100 anos de existência, onde existem feirantes com mais de 50 anos de atuação. Também é possível avistar pelas ruas pessoas em situação de vulnerabilidade, ambulantes que passam com mercadorias à venda (balas, chocolate, gomas de mascar, etc), e outras pessoas em seus automóveis, motos e bicicletas.

Com o cair da noite, o entorno da praça São Salvador permanece iluminado por postes e conta com a presença de alguns taxistas, mas ao caminhar sentido ao Pelourinho, à Travessa Carlos Gomes ou à Rua Dr. Oliveira Botelho, esse trajeto se transforma em um aglomerado de ruas e vielas escuras. Pichações e artes utilizando técnicas como “lambe-lambe” e “sticker” começam a se tornar parte da paisagem junto aos vestígios de lixo gerados pela circulação diurna. Uma grande parte dos imóveis da localidade atendem a interesses comerciais no período do dia, e, ao mesmo tempo, é possível notar diversas propriedades, comerciais e residenciais, com placas de “Aluga-se” e “Vende-se”.



Mapa 2 - Mapa com pontos importantes localizados no centro histórico de Campos dos Goytacazes.
Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, a baixa movimentação pelas ruas se torna uma realidade. Esquecida pela prefeitura — esta que, desde o primeiro governo de Wladimir Garotinho³, prometia uma revitalização do Centro — a área central de Campos durante a noite é reconhecida pela população como um lugar atrelado ao perigo, a assaltos, à presença de pessoas em

³ Prefeito reeleito em 2024, deixando a prefeitura em 2026 a fim de concorrer às eleições para deputado federal.

vulnerabilidade, pontos de prostituição e a circulação de diversos outros atores sociais considerados “desviantes”.

Em contrapartida, nesse mesmo perímetro, é possível observar a presença de jovens e adultos que, através da realização de eventos musicais e culturais, constituem um circuito alternativo de cultura que ocupa a região central e atualmente se expande para outras regiões, como algumas experiências de determinados coletivos, que de acordo com o Mapa 1⁴, se expandem para uma periferia próxima e distante (com experiências de coletivos em Rio Preto, Novo Jockey e Jardim Carioca).

Esta movimentação se apresenta enquanto algo gerido por produtoras e coletivos locais junto à toda uma rede de apoiadores, prestadores de serviços, espaços alugados, bares e tabacarias. A cena alternativa em questão é frequentada e composta por representações de diferentes expressões culturais, onde se encontram desde roqueiros, clubbers, hip hoppers, drag queens e outras representações. Desta forma, ainda que cada coletivo e produtora tenha sua identidade, estética e tendências, o que chama atenção para este circuito alternativo é justamente a capacidade de promover o encontro de diversos atores de circuitos mais específicos, não se fechando à uma única “vibe”⁵, mas criando uma atmosfera⁶ que torna o espaço da festa um encontro de representações⁷ tidas como desviantes.

Desvio, festas e madrugada à dentro: marco teórico, metodologia e o campo

⁴ O Mapa 1 apresenta os bairros de Campos a partir de uma delimitação de: centro/próximo ao centro, periferia próxima e periferia distante. Tal concepção, deve ser interpretada a partir de uma perspectiva de camadas.

⁵ A palavra “vibe”, do inglês, é traduzida como vibração. O termo é utilizado comumente para descrever uma atmosfera, sensação ou até mesmo energia. Neste sentido, os eventos deste circuito podem contemplar diversas expressões culturais alternativas que, ao se encontrarem, criam uma vibe específica que contempla a todos (ou não, em determinadas situações).

⁶ A ideia de atmosfera à qual me refiro, perpassa a discussão proposta por Gajanigo (2024) acerca dos conceitos de estruturas de sentimentos, *stimmung* e atmosfera. Assim, o autor aponta que “Não parece ser muito exagerado aproximar a noção de paisagem afetiva à de atmosfera. Estrutura de sentimento, portanto, não seria um substituto de atmosfera, mas poderia estar articulado a ela. Para Anderson (2009, p. 161), “podemos entender tanto as atmosferas afetivas quanto as estruturas de sentimento como processos de mediação que misturam aquilo que tem forma e o amorfo, o emergente e o pronto, o estrutural e o efêmero”. Eles se diferenciam pela forma como atuam; estruturas de sentimento estão vinculadas ao sujeito, configurando uma experiência que “conecta lugares diferentes, ocorrendo por eles, e cria algo como uma predisposição entre o self, os outros e o mundo” (Anderson, 2009, p. 160). Já as atmosferas estão ligadas ao lugar e através dele fornecem uma experiência de imersão.” (Gajanigo, 2024, p.17)

⁷ Para o sociólogo Erving Goffman (1985), que propõe uma reflexão sobre a vida social utilizando metáforas teatrais, a representação do eu é uma construção social contínua, onde o indivíduo atua como um ator em um palco, tentando manipular sinais e comportamentos para gerenciar a impressão que causa nos outros. O “eu” não é uma identidade fixa ou interna, mas um produto da interação que depende da aceitação da plateia e do equilíbrio entre a “fachada” pública e os “bastidores” privados.

O primeiro contato que tive com os eventos do cenário alternativo de Campos foi no ano de 2019. Na época, havia chegado na cidade para cursar Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense, e desde então, a partir de uma relação de pertencimento à cenários alternativos no Rio de Janeiro, como a vivência no punk, a interlocução com a música eletrônica e o rap, junto a uma ótica etnográfica em construção, já me interessava por fazer observações quanto aos elementos que constituem esse circuito. Ressalto que, para além da posição de frequentador, enquanto uma pessoa que precisava conciliar estudos e trabalho, este cenário apareceu também enquanto possibilidade de inserção como freelancer, o que gerou ainda mais interesse sobre o funcionamento do circuito e os desafios enfrentados pelas produtoras, coletivos e público. Sendo assim, destaco a importância da inserção enquanto trabalhador do circuito para a realização da pesquisa e para a construção de um trabalho guiado pela perspectiva etnográfica “de perto e de dentro”.

Para tanto, parto da união de conceitos e categorias trabalhados por sociólogos e antropólogos que tem como foco de investigação a cidade e as relações que se traçam nesse espaço. Magnani (2002), ao mostrar possibilidades para identificação de diferentes situações da sociabilidade e dinâmica cultural na cidade, propõe as categorias analíticas “pedaço”, “mancha”, “trajeto” e “circuito”, que podem se relacionar ou não:

A noção de pedaço evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras, mas pode estar inserida em alguma mancha, de maior consolidação e visibilidade na paisagem; esta, por sua vez, comporta vários trajetos como resultado das escolhas que propicia a seus frequentadores. Já circuito, que aparece como uma categoria capaz de dar conta de um regime de trocas e encontros no contexto mais amplo e diversificado da cidade (e até para fora dela), pode englobar pedaços e trajetos particularizados. (Magnani, p. 25, 2002)

Através desta noção de circuito, pode-se afirmar que trata-se de uma categoria ampla, que busca descrever o exercício de uma prática ou oferta de serviços por meio de espaços, equipamentos e estabelecimentos que não mantém necessariamente entre si uma relação de contiguidade espacial, e tem como característica o reconhecimento por seus usuários/frequentadores. O autor cita como exemplos o circuito dos cinemas de arte, dos shows black, dos clubbers e outros que podem ser identificados, descritos e localizados a partir da sociabilidade através de encontros, comunicação e códigos (Magnani, 2005).

Assim, é possível entender que os circuitos podem ser construídos a partir de grupos culturais específicos ou não. Na cidade de Campos, é possível identificar a existência de bares e espaços com circuitos específicos, de roqueiros, de rodas de samba, de batalhas de rima e tantos outros. Porém, o que venho chamando nesta pesquisa de “circuito alternativo”, se trata de um circuito onde expressões de grupos “subculturais” diversos se conectam, e que através das formas estéticas, sonoras e políticas, geram interações, identificação e pertencimento.

A partir dos estudos sobre os circuitos de jovens urbanos, outra relação pode ser traçada ao embarcarmos na reflexão sobre quem são os participantes e frequentadores desse circuito de cultura alternativa no Centro de Campos. Assim, chegamos ao segundo conceito que direciona a pesquisa: o desvio e os desviantes.

Howard Becker (2008) — sociólogo reconhecido por suas contribuições para uma sociologia do desvio — traz o seguinte argumento sobre a rotulação, o desvio social e o indivíduo desviante em sua obra *Outsiders*:

Grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (Becker, 2008, p. 16)

Considerando o contexto histórico da formação da cidade de Campos dos Goytacazes, que é fortemente regido por elites que se beneficiaram do período escravocrata e que até hoje refletem seus preconceitos nos equipamentos públicos e na segregação espacial, é possível pensar nos sujeitos que habitam o circuito de cultura alternativa enquanto atores sociais desviantes.

Tendo em vista que os participantes desse circuito são, em grande parte, sujeitos que se desviam da norma padrão vigente na sociedade — como a cisheteronormatividade, a branquitude e a aderência a meios de cultura mainstream — a noção de subcultura, inicialmente, expressa algo sobre o encontro desses desviantes. Sobre ela, Becker (2008) argumenta que, quando sujeitos considerados desviantes encontram a possibilidade de interação, tendem a desenvolver uma cultura em volta das questões que os diferem da definição sobre o que fazem e a definição adotada como padrão, assim:

Elas desenvolvem perspectivas sobre si mesmas e suas atividades desviantes e sobre suas relações com outros membros da sociedade. (Alguns atos

desviantes, claro, são cometidos isoladamente, e as pessoas que os cometem não têm oportunidade de desenvolver uma cultura. Exemplos disso são o piromaniaco compulsivo ou o cleptomaniaco.) Como operam dentro da cultura da sociedade mais ampla, porém diferentemente dela, essas culturas são muitas vezes chamadas de subculturas. (Becker, 2008, p. 48-49)

Neste sentido, ainda que partindo da ideia de subcultura para o entendimento de uma cultura criada através do encontro de indivíduos que desviam da norma padrão em determinada sociedade, opto pela utilização do termo “cultura alternativa”, ao entender que o primeiro termo pode expressar determinada noção de inferioridade cultural. Sobre esse ponto, Weller (2005) argumenta que o conceito de subcultura pode ser compreendido como algo relativo à cultura alternativa, já que considera que o termo anterior, utilizado pela Escola de Chicago, acaba por provocar possíveis associações depreciativas.

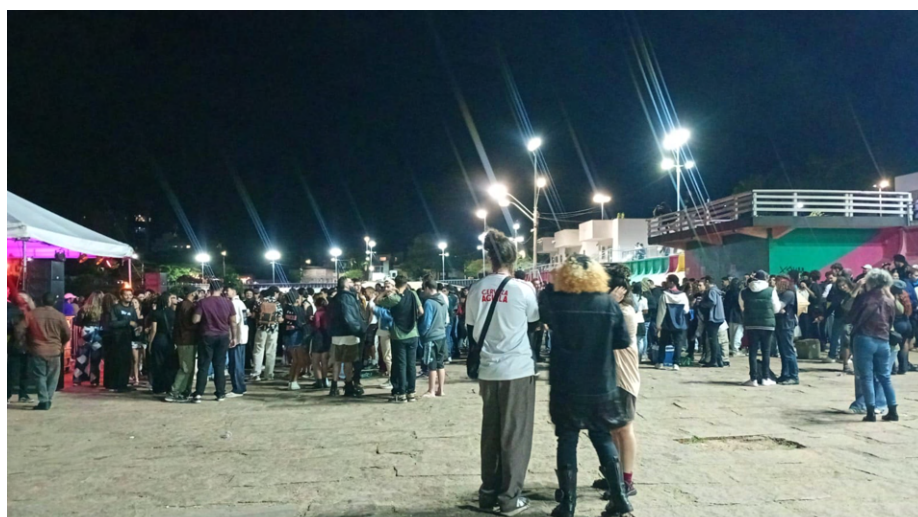


Figura 1 - Selecta Dimina no Cais da Lapa.

Registro produzido em 19 de julho de 2025. Nesta edição da Selecta Dimina, segunda realizada no Cais da Lapa, o foco era a discotecagem em vinil, contando com a presença de DJ's locais e do Rio de Janeiro.
Fonte: Arquivo pessoal.

Os grupos culturais alternativos campistas se encontram em eventos que surgem pela “necessidade de promover algo diferente” (segundo alguns frequentadores e produtores do circuito) do que é colocado para área da cultura na cidade de Campos, seja pelos eventos produzidos pela prefeitura ou por outros locais onde habita o “mainstream” ou o “comercial”. Assim, estes grupos estabelecem um sistema de produções (muitas delas colaborativas), que explora propostas de eventos com diversos formatos, práticas artísticas experimentais, estéticas variadas, um sistema de comunicação nas redes sociais, negociação de espaços e gerenciamento de conflitos.

Como ponto metodológico principal, a pesquisa parte da noção de etnografia urbana colocada por Magnani (2002) como “de perto e de dentro”. Diferente de uma perspectiva “de fora e de longe”, o autor aponta que neste segundo caso, muitas vezes o foco está em uma visão macro e numérica das relações na cidade, frequentemente não dando relevância aos arranjos dos atores sociais. Sobre isso, Magnani acrescenta que:

Em todo caso, em vez de um olhar de passagem, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (Magnani, p. 18, 2002)

Considerando que a música e as paisagens sonoras se colocam enquanto um fator de grande importância dentro do circuito cultural alternativo, a pesquisa cruza a noção de etnografia urbana com as contribuições de Seeger (2008) a respeito do estudo das performances musicais e a etnografia da música ao que diz respeito às relações que se traçam em volta do evento musical. Esta perspectiva nos leva ao entendimento de que para que seja possível a realização de tais eventos, é necessária a participação de diversos setores da sociedade. Assim, Seeger (2008) acrescenta que:

Nem os músicos, nem a audiência são as únicas pessoas envolvidas na performance. Existem os administradores dos negócios, os administradores do transporte, os donos dos clubes noturnos, os engenheiros de som, bombeiros, policiais, recepcionistas e seguranças. Todos eles possuem uma perspectiva do evento que pode ser muito instrutiva. Um evento musical local é também parte de um amplo processo econômico, político e social, que pode contestá-lo mesmo quando o reproduz. (Seeger, 2008, p.255)

Sendo assim, considerando que esses eventos incluem uma multiplicidade de fatores e agentes, a pesquisa busca compreender as dinâmicas existentes dentro do circuito de cultura alternativa campista. Ainda que partindo de uma concepção de pesquisa fortemente influenciada pela perspectiva da etnografia urbana, que entende a importância de se estar em campo sendo levado pelos próprios arranjos dos atores sociais através da observação participante, considero de suma importância o cruzamento de metodologias para coleta de dados e análise.

É possível perceber a existência do circuito cultural presente na área central de Campos enquanto um fenômeno que parece, utilizando do termo de Harvey (2012), emergir da necessidade de “refazer” a cidade. Com esta perspectiva, a pesquisa busca

analisar: as relações entre os atores sociais envolvidos na rede de produção e a permanência desse circuito alternativo (produtoras, coletivos, DJ's, público, trabalhadores da noite, etc.), as questões que envolvem a ocupação e circulação da área central, os conflitos presentes e também as relações entre a produção alternativa e a esfera pública em Campos. Para isso, busco me ater às atividades realizadas e relações traçadas a partir dos coletivos/produtoras: Manifestação Cultural de Rimas (MCR)⁸; IMP Mídia⁹; Selecta Dimina Convida¹⁰; Dispara¹¹ e Gota¹².

No momento atual do circuito, é notável a emergência de novos coletivos e produtoras que realizam seus eventos nos locais considerados nessa pesquisa, e que também atravessam as produtoras citadas compondo o circuito. Porém, busco me ater às atividades promovidas pelos cinco coletivos/produtoras citados anteriormente, por perceber que estes acabam por ocupar uma posição de certa expressão colaborativa na dinâmica da configuração de produções do circuito em Campos.

Sobre a diversidade de grupos culturais, por exemplo, em festas voltadas à cultura eletrônica produzidas por algumas produtoras estudadas, podem se encontrar góticos, rappers locais, drag queens e funkeiros. Esse ponto, que é possível de observar em diversas produções do circuito, parece demonstrar a sociabilidade de grupos culturais diferentes, que ainda que carreguem suas singularidades, se encontram e se

⁸ Manifestação Cultural de Rimas (MCR) é um coletivo que promove a cultura Hip Hop desde 2014 na cidade de Campos dos Goytacazes. Ocupando o viaduto Leonel Brizola e o Pq. Alberto Sampaio, o coletivo realiza batalhas de rimas que acontecem com regularidade e exploram diversos formatos, lançando mc's para o cenário local e fomentando a cultura no centro em conexão com outras produtoras e coletivos.

⁹ IMP Mídia é uma produtora de eventos alternativos que tem sua essência formada em volta da cultura de música eletrônica, suas atrações são DJ's da região e convidados que tocam desde gêneros como house, jungle, techno até sons de bandas de grindcore e noise. O fator abrangente da produtora resulta em festas com diferentes propostas sonoras, estéticas e propiciando interlocução entre indivíduos de diferentes grupos alternativos que habitam a madrugada no centro.

¹⁰ Selecta Dimina é uma festa organizada por duas DJs/produtoras culturais que atuam na região, surgiu em 2015 e desde então promove a ocupação da área central com festas que privilegiam a cultura de rua, discotecagem e encontros. Tendo como "sobrenome" o termo "Convida", a produtora busca sempre fazer a interlocução entre artistas locais e atrações de outras cenas alternativas do Brasil, tendo memoráveis realizações em locais públicos da cidade.

¹¹ Dispara é uma produtora de eventos que realiza suas atividades em locais privados e públicos no Centro de Campos. Fazendo uma interlocução entre o underground e o mainstream, a produtora busca ter a diversidade como seu foco. Segundo a própria produtora em uma postagem no Instagram sobre um evento realizado em espaço público: "Para nós, ocupar as ruas tem gosto de vitória. É espalhar a arte, celebrar corpos, fortalecer trocas e exercer a liberdade que tanto nos negam. E é com protagonismo preto, periférico e LGBTQIAPN+, que nessa edição a gente te convida a vivenciar na rua, o que é nosso por direito!"

¹² Gota é uma festa/coletivo que, segundo postagem no Instagram, foi "criada a partir da visão e união de forças de alguns amigos que vivem e acreditam na cena underground de Campos, com a missão de contemplar o público da maior cidade do interior do RJ". Com foco na performance de djs que trabalham com mixagem de diversas vertentes da música eletrônica, esta produtora vem apresentando a busca por ocupar novos espaços além do Centro, como a festa de comemoração de três anos que ocorreu no bairro Novo Jockey e o Festival Gota, realizado em maio de 2026 na cachoeira de Rio Preto.

conectam através da liberdade de poder ocupar a noite com suas identidades, afetos e desejos.

Acerca dos lugares que constituem o circuito, considero um perímetro que abarca tanto locais privados como públicos, entendendo também, que esses lugares podem ocupar posições diferentes em relação aos trajetos dos frequentadores diante ao “evento do dia”. Para que seja possível visualizar tal perímetro, segue abaixo um mapa que retrata a área central e os locais utilizados para pré, pós e eventos:



Mapa 3 - Perímetro da área central com locais onde os eventos alternativos acontecem e seus frequentadores circulam (bares “pré” e “pós”). Fonte: Arquivo pessoal.

O mapa destaca 11 pontos, estando eles relacionados aos seguintes lugares: 1) G3 (garagem 3) do Campos Shopping (Shopping Center localizado na Avenida Rui Barbosa, em frente à Beira Rio), onde já foram realizados eventos que comportam uma maior lotação pelas produtoras Gota, Dispara, Selecta Dimina e Tales; 2) Travessa Carlos Gomes (localizada próxima à Beira Rio e a Praça São Salvador), onde as produtoras Selecta Dimina e Dispara já realizaram eventos gratuitos; 3) Cais da Lapa (localizado na Beira Rio), local onde Selecta Dimina já realizou duas edições e parece ser cobiçado por produtores locais; 4) Quadra esportiva embaixo da Ponte Leonel Brizola (localizada no Centro, abaixo de uma das pontes que liga o subdistrito de Guarus ao centro da cidade), local utilizado regularmente pela MCR, porém, que também já comportou edições da Selecta Dimina; 5) Parque Alberto Sampaio

(localizado em frente ao Mercado Municipal, próximo a ponte Leonel Brizola), que já foi utilizado pela MCR e pelo Festival Efeito, que reuniu e premiou, em 2024, diversos artistas da cidade e pessoas relacionadas ao circuito aqui estudado; 6) Parque da República (localizado ao lado da rodoviária Roberto Silveira), local onde foi realizado o evento Ruas da Planície, que reuniu diversos atores do circuito; 7) Oca Roots (pequeno espaço para eventos na rua Dr. Oliveira Botelho), é considerado um dos locais mais importantes para o cenário underground local, tendo em vista que todos os coletivos/produtoras já realizaram e seguem realizando atividades ali; 8) Meu Pontinho (bar com karaokê na rua Treze de Maio), que pode ocupar o lugar de “pré” evento, mas, a partir das observações, é predominantemente utilizado como um local “pós” evento, pois não apresenta hora específica para fechamento, sendo referenciado como local para onde muitos vão após o término de eventos na madrugada/manhã; 9) Tales tabacaria (tabacaria/bar na rua Saldanha Marinho), que além de ter local próprio, também produz festas em outros estabelecimentos e apoia outros eventos; 10) Itaoca Botequim e Stock 149 (bares que ficam próximos, localizados na rua Treze de Maio), podem ocupar o lugar de “pré” ou “pós” evento; e 11) Varanda Amarela (produtora que tem espaço fixo na rua José Rufino de Carvalho), organiza eventos em seu espaço fixo atual (já esteve em outros imóveis da cidade) e também no G3 do Campos Shopping.

Ressalto a fluidez na ocupação dos espaços e a descontinuidade de alguns estabelecimentos durante o processo de realização desta pesquisa, afinal, um dos grandes conflitos que atinge o circuito envolve justamente a dificuldade em relação a locais para realização.

Através de uma observação mais apurada em campo, pude notar que muitos membros desses coletivos/produtoras ocupam funções diversas nas dinâmicas da produção. Um indivíduo pode, em uma mesma noite, ficar na portaria vendendo ingressos, em outro momento se apresentar como DJ da lista de atrações do evento e, ainda assim, em momento posterior, vender bebidas no bar da festa. Essa dinâmica se mostra enquanto algo presente em cada um dos eventos produzidos pelos coletivos que integram o circuito, não tendo necessariamente um padrão. Assim, também ocorre, por exemplo, do indivíduo X, pertencente ao coletivo Z, ocupar uma função como trabalhador “freelancer” em um evento do coletivo Y.

Para além das dinâmicas de cooperação que parecem emergir no ramo da produção, as sensações e atmosferas criadas/vivenciadas pelos frequentadores são de suma importância para entender as relações que se traçam entre grupos de indivíduos

considerados desviantes e que pertencem à alguma cultura alternativa. Com propostas diferentes, muitas realizações desse circuito transitam entre diversas atmosferas sonoras, que vão desde o Boom Bap ao Techno, do Funk ao Grime e da Bass Music ao som Experimental. Muitos desses eventos, contam com ações que apresentam reverberação política, como a presença de listas “trans free” e “pcd free” para acesso aos eventos privados. Assim como as prévias divulgações das “regras do rolê” antes de toda festa, que contém dizeres como: “Jamais toleraremos racismo, sexismo, lgbtfobia, gordofobia, capacitismo ou quaisquer tipo de assédio e/ou discriminação no evento. Comportamentos do tipo estão sujeitos à expulsão e/ou direcionamento para a tomada de medidas legais cabíveis. A produção e os seguranças estão à disposição para acolher qualquer eventual situação. Não deixe de nos acionar!”¹³.

Como forma de obter diferentes perspectivas sobre o circuito alternativo, a pesquisa também se alimenta metodologicamente de entrevistas narrativas (Flick, 2007) que têm seguido a seguinte divisão de grupos: a) Produtores/artistas (a maioria dos produtores também são artistas) — nesse grupo a finalidade é explorar questões sobre organização e propostas dos eventos, tal qual frequência/regularidade, dinâmicas de cooperação, práticas culturais, meios de comunicação e administração de conflitos; b) Frequentadores, visando explorar questões de identificação, pertencimento e sociabilidade dentro do circuito; c) Trabalhadores que participam de alguma forma desta produção (agentes culturais, seguranças, bombeiros, donos de casas de show, fotógrafos, polícia, guarda civil).

O circuito e seus conflitos: negociações e resistência

No circuito dessas produções culturais alternativas, a complexa relação de poder se manifesta de forma mais explícita. Esses grupos enfrentam inúmeras dificuldades no acesso à cidade. A utilização de espaços privados para a realização de eventos, geralmente fornece uma espécie de segurança aos produtores/coletivos por gerar algum valor através de bilheteria e vendas no bar, ainda assim, não sendo uma garantia para obtenção de lucro ou de que o próprio evento pague seus custos, o que indica uma grande dificuldade financeira de “banciar o rolê”, segundo uma entrevistada. Para além da não garantia de retorno financeiro, os eventos em locais privados estão sujeitos à questões que também afetam estas produções em espaços públicos, como a

¹³ Frase presente em post do Instagram da festa Gota, horas antes da realização do evento de comemoração de 3 anos.

possibilidade de interrupção por parte da postura municipal, da polícia ou até mesmo a presença de policiais à paisana. Assim, surge a necessidade de estar preparado para negociações e medidas que viabilizem a realização dos eventos.

Os conflitos envolvendo os espaços onde as festas são realizadas aparenta ter uma relação direta com a atuação da polícia militar e com o Departamento de Postura Municipal. Esta relação se evidencia mais ainda a partir de uma fala de Letícia (nome fictício) — uma das produtoras da festa Dispara. Ela já administrou um espaço cultural (Antro+Arte Bar) na rua Benta Pereira, e incluindo esta experiência, discorre sobre sua percepção acerca da atuação da polícia:

“O abuso da postura é muito grande, né? Eu sinto até... o Antro que você conheceu, que foi um espaço que a gente abriu como uma casa, a nossa ideia é que fosse uma casa de cultura e a postura acabou com essa ideia. A postura que, no fim das contas, fechou o Antro... Porque é isso... a gente sente que se não pagar, a gente não consegue resolver o problema. O som pode estar o mais baixo possível que eles vão arrumar um problema. Teve a própria Bit, né? Que foi uma festa que tava se lançando e teve na Oca, lugar que nunca teve um problema, e teve um problema é... Teve uma situação no Kasick uma vez também que eu presenciei que a postura chegou junto com a polícia completamente armada! Assim... totalmente fora de contexto, de realidade... Como é que o som tá alto e os caras chegam de arma na mão? Então, isso é o que a gente vê dentro da cena alternativa e que não acontece dentro de outras cenas, né? Porque tem bares na Pelinca que o som rufa até cinco horas da manhã e ninguém fala nada, a postura passa lá na frente e nada acontece... Assim, a maioria das coisas que eu vivenciei foi desse tipo, a postura parando evento e chegando desse jeito, sabe? Isso eu já vi muitas vezes mesmo...”

A partir desta fala, se torna compreensível não só a denúncia dos formatos de abordagem dos agentes de regulação da ordem pública frente ao cenário alternativo, mas também uma contraposição entre a percepção acerca da atuação da polícia nesta cena e em outros espaços de entretenimento que ficam no bairro da Pelinca¹⁴. Este último, reconhecido por ser uma área nobre¹⁵ em Campos, é recorrentemente atrelado à

¹⁴ “Situado no município de Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro/Brasil, o bairro nobre da “Pelinca”, tem aproximadamente 50 quadras bastante irregulares e muito adensadas. Segundo dados obtidos na Secretaria de Fazenda do município, o bairro possui, hoje, o imposto territorial urbano e o metro quadrado construtivo dos mais caros da cidade. Mesmo assim, em função da diversidade dos serviços e comércio, atualmente oferecidos, é escolha de moradia altamente procurada.” (Martins, L.M.T.; Oliveira, F.C.A. do N. e., p. 8, 2020)

¹⁵ “Apesar das aceleradas transformações na cidade, a avenida Pelinca continua, até os anos 50 do século XX, bem despovoada, um ambiente bastante rural onde só se encontrava alguns poucos solares e grandes chácaras. É somente após a segunda grande guerra, que o bairro, que tem na avenida seu vetor de crescimento, começa a ganhar forma e ser realmente ocupado, pelas famílias de classe alta. A cidade com uma economia em ascensão, acompanhando às exigências do capitalismo, clama pela modernização e transformação da sua caótica estrutura urbana e arquitetônica.” (Martins, L.M.T.; Oliveira, F.C.A. do N. e., p. 8, 2020)

notícias¹⁶ envolvendo brigas de bar e episódios violentos. Além disso, entre as situações citadas pela interlocutora, ela afirma que “a gente sente que se não pagar, não consegue resolver o problema”, o que indica uma prática ilícita da polícia e um favorecimento daqueles que podem pagar.

Em uma festa da Dispara onde pude trabalhar como assistente de produção e ao mesmo tempo estava enquanto observador, que ocorreu no G3 do Campos Shopping, tive a oportunidade de conversar com alguns dos seguranças que faziam freelancer naquela noite. Durante curtas conversas, um deles me disse:

“Aí, posso te falar uma parada? A galera aqui é meio estranha, assim, não sendo preconceituoso, mas é um pessoal diferente, maquiado, com óculos escuro de noite, montado numas roupas... Mas te falar, toda vez que trabalho aqui não tenho problema nenhum... Agora, quando faço segurança na Pelinca... Rapaz, segurança ali trabalha... Aqui é só realmente ficar vendo se tá tudo de boa, não rola uma briga...”

A fala do segurança, que exprime um teor comparativo acerca do trabalho que desenvolve em eventos que acontecem na Pelinca e no Centro — mais especificamente eventos da cena alternativa — pode nos ajudar a refletir sobre questões envolvendo classe, raça e gênero. Enquanto o circuito alternativo é composto por identidades consideradas desviantes e têm seus eventos ameaçados/paralisados sem que tenha sequer uma briga ou episódio violento, os eventos onde esse tipo de coisa acontece seguem sem nenhum risco, pois conseguem pagar e atendem à um público específico: o padrão cis-heteronormativo, branco e segundo alguns frequentadores da cena alternativa, “playboy”. Logo, fica evidente que quem pode festejar na cidade é um público seletivo, que inclui quem pode pagar, mesmo que o evento cause transtornos sociais e danos físicos ao próprio público.

Ao falar sobre as dificuldades que envolvem a realização de festas em locais públicos, Leticia afirma:

“Eu sinto que o clima é completamente diferente do que o clima numa festa fechada. Mas realmente, assim, é muito difícil, principalmente por uma questão de verba, né? Porque você tem muitos custos. Na rua você não tem da onde tirar esses custos porque não tem o ingresso. E além de não ter o ingresso na rua, as pessoas ficam à vontade pra levar bebida, e o erro não é delas, né? Mas aí tira essa coisa que a gente tem com o bar. Inclusive, eu vejo que é uma parada que as meninas do Selecta sofrem muito, assim. E fora que, tipo assim, parece que eles gostam de inviabilizar, né? De

¹⁶ Como exemplo, é possível citar a matéria: “Pelinca volta a registrar cenas de violência, desordem e desrespeito”, veiculada pelo portal NF Notícias em 2025. Disponível em: nfnoticias.com.br/noticia-42307/pelinca-volta-a-registrar-cenas-de-violencia-desordem-e-desrespeito. Acesso em: 18 dez. 2025.

deixar as coisas mais difíceis. A Postura, você pede uma coisa, e eles demoram um tempão pra te entregar um papel que você precisa levar pra Secretaria de Turismo, e aí você vai perdendo prazo, vai perdendo prazo e vai se frustrando... Inclusive a gente teve um problema com questão de energia, porque a gente foi pedir pra Enel liberar a energia pra gente, e eles não liberaram. Falaram que precisava de quarenta dias, sendo que eu tinha um papel do governo do Estado falando que eles tinham que liberar, e mesmo assim eles não liberaram. E aí é aquela política de Campos, né? Eu tive que falar com alguém, que tinha um conhecimento de não sei aonde, pra essa pessoa não sei onde conseguir uma energia pra mim. E assim... meio que não colocando isso como moeda de troca diretamente, mas meio que pedindo voto também, né? Então você tem que fazer aquela jogada... Porque senão, não ia ter festa, não ia ter evento e a gente ia ter que lidar com o edital depois pra explicar o que aconteceu, perder data, perder tudo... Mas assim, ajuda zero, ajuda zero...”

Nesse contexto, a ação policial e dificuldade no processo para liberação de espaços pode ser interpretada como um braço do poder hegemônico que busca disciplinar e conter corpos e as expressões culturais que desafiam normas sociais e a ordem estabelecida. Assim como aparece também na fala de Letícia uma espécie de “política do favor”, onde para que sejam resolvidos problemas, é necessário ter contatos que tenham contatos, que tenham contatos...

As festas e encontros desses grupos, ao ocuparem as ruas e locais privados focados em eventos underground¹⁷, apontam para atos de reapropriação do espaço, desafiando a mercantilização da vida, da cultura e a exclusão, afirmando que a cidade pertence a todos. Sobre esta luta, Harvey aponta para a necessidade de tornar o direito à cidade um ideal político:

Um passo na direção de unificar essas lutas é adotar o direito à cidade tanto como lema operacional quanto ideal político, justamente porque ele enfoca a questão de quem comanda a conexão necessária entre a urbanização e a utilização do produto excedente. A democratização deste direito e a construção de um amplo movimento social para fortalecer seu desígnio é imperativo, se os despossuídos pretendem tomar para si o controle que, há muito, lhes tem sido negado, assim como se pretendem instituir novos modos de urbanização. Lefebvre estava certo ao insistir que a revolução tem de ser urbana, no sentido mais amplo deste termo, ou nada mais. (Harvey, 2012, p. 88)

Assim, os movimentos de cultura alternativa em Campos não são apenas manifestações artísticas, eles são também atos políticos de resistência e reinvenção

¹⁷ “Feitosa (2003) adota o termo “culturas underground” para abordar grupos juvenis urbanos que se identificam com uma noção de comunidade construída a partir de rituais de pertença e vivência de sentimentos comuns. O termo underground, segundo Feitosa (2003), nasce da demanda por uma separação concreta entre a produção “mainstream” – ou da grande indústria cultural – e aquela desenvolvida à margem das grandes corporações e segregada (ou “outsider”) aos padrões vinculados pelas distintas mídias oficiais – TVs, imprensa escrita e rádio.” (Feitosa, 2003 apud Soares, 2016, p. 130-131)

urbana. Ao insistir em ocupar e moldar o espaço com suas próprias linguagens e identidades, esses "outsiders" estão, na essência, exercendo o "direito à cidade" de David Harvey. O circuito alternativo parece buscar transformar a cidade a partir das "rachaduras" nesse sistema de controle, através de cooperação nas produções, diálogo com circuitos de outras regiões e outras dinâmicas que permitem a expansão deste circuito. A emergência deste cenário cultural ecoa como um chamado por uma Campos dos Goytacazes mais inclusiva, onde a diversidade não seja apenas tolerada, mas celebrada e vista como própria força vital de uma cidade que busca ser justa e democrática para todos os seus habitantes. Sobre movimentos de remodelamento da cidade, Harvey aponta que:

Há, entretanto, movimentos sociais urbanos procurando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento. (Harvey, 2012, p. 82)

Nesse sentido, a cultura e a luta pelo direito à cidade emergem como elementos centrais e potentes para pensarmos as cidades do Norte Fluminense. A cultura não é um adereço, mas uma ferramenta política e social que pode (e deve) desestabilizar as estruturas existentes. A luta por espaços e as atividades promovidas por esses grupos alternativos são, ao mesmo tempo, um indicador das tensões urbanas e um motor para transformações na área da cultura da região. Esta perspectiva pode se evidenciar a partir do próprio campo, onde os próprios atores do circuito refletem e se posicionam sobre a cena de cultura alternativa enquanto um local de luta e resistência.



Figura 2 - Painel descritivo da produtora Dispara

Registro produzido em agosto de 2025. Painel presente em uma edição da festa Dispara, que ocorreu em 23 de agosto de 2025 na garagem G3 do Campos Shopping. O evento aconteceu de 22:00 às 07:00 e contou com a presença de DJs locais, de São Paulo e Minas Gerais. Fonte: Arquivo pessoal.

Considerações finais: pesquisa em movimento e circuito em expansão

Ainda que a pesquisa esteja em andamento, mais especificamente, na reta final de coleta de entrevistas, a análise vêm revelando uma espécie de "política nas sombras", onde a festa e a vida noturna servem como resistência para "outsiders" (Becker, 2008) e identidades marginalizadas. Conflitos com a ordem pública são interpretados a partir dos "Dramas Sociais" (Turner, 2008), evidenciando a repressão seletiva no centro em contraste com áreas nobres. Como forma de avançar nas elaborações teóricas, venho buscando também algumas reflexões a partir de autores como Frúgoli, Garfinkel, Goffman, Latour, Lefebvre e Simmel.

Os resultados parciais indicam que o circuito de cultura alternativa em Campos funciona como um mecanismo de reapropriação e ressignificação da cidade. A pesquisa demonstra que, embora enfrentem estigmatização e repressão, esses grupos constroem redes de suporte e solidariedade que possibilitam a permanência de expressões artísticas de um "lado B" ou underground, da cultura.

Desta forma, é possível perceber que o circuito não se limita ao entretenimento, mas constitui um ato político de exercício do direito à cidade, desafiando a lógica conservadora local e propondo novos modos de viver o urbano a partir da celebração da diversidade e da ocupação das ruas com propostas e práticas artísticas variadas.

Logo, sigo acompanhando frequentadores, trabalhadores, artistas e produtores em outros espaços além dos momentos de realização das festas, buscando entender arranjos, negociações e associações. Sempre seguindo seus trajetos e considerando suas elaborações sobre o circuito, com intuito de amplificar vozes estigmatizadas, que ainda sendo reprimidas, pulsam através da produção de arte e cultura em Campos dos Goytacazes.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Flávia Ribeiro de. **Formação sociohistórica do subdistrito de Guarus em Campos dos Goytacazes - RJ**: um processo de segregação. 2020.
- BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. [s.l.] Porto Alegre Bookman, 2007.
- GAJANIGO, Paulo. **Estrutura de sentimentos, Stimmung e atmosfera**: uma proposta de sistematização do emergente mood studies. Sociologias, Porto Alegre, v. 26, 2024.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados do Censo de 2022**. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/panorama>. Acesso em: 01. jun. 2026.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, [s. l.], v. 17, ed. 49, p. 11-29, Junho, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Os circuitos jovens urbanos**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n.2, 2005.

MARTINS, L.M.T.; OLIVEIRA, F.C.A. do N. e. **(Des)calçadas urbanas, a falta de identidade no chão projetado: um olhar pelo bairro da Pelinca em Campos dos Goytacazes/RJ**. A: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo. "XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020". São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

ROCHA, Elisabeth Soares da. Cultura e sociedade em Campos dos Goytacazes. *In: Estudo crítico sobre as políticas públicas e a formação estético-cultural em Campos dos Goytacazes*. Orientador: Ronaldo Rosas Reis. 2017. Tese (Doutor em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. p. 104-105.
SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. cadernos de campo, São Paulo, n. 17, p. 237-259, 2008.

SOARES, Alexandre Bárbara. **"Eu acho que, pra você estar nesse meio, você tem que ser resistente quanto ao mundo comum"**: Juventude(s), subculturas e resistência cultural no Rio de Janeiro. Revista EPOS, Rio de Janeiro, v. 7, ed. 2, p. 123-146, jul/dez 2016.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais. *In: Dramas, campos e metáforas*: Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008. cap. 1, p. 19-53.

WELLER, Wivian. **A presença feminina nas (sub)culturas juvenis**: a arte de se tornar visível. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 107-126, abr. 2005.